

REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração — Calçada do Cambro, 28-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL  
End. telegr. Tathaba — Lisboa • Telefone: 2  
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## Um vulgar sintoma

(Sobre a questão da Biblioteca Nacional)

Conhecemos os leitores, pelo *relatamento* que a nova tem tido na imprensa, o calamitoso estado a que chegou a Biblioteca Nacional. Não é nada: é simplesmente a destruição, meio consumada já por via de minúsculos insetos, da maior parte das preciosidades bibliográficas que possuíamos. Desde a Bíblia célebre que Gutenberg imprimiu por suas habilitadas mãos até as obras da livraria de Fialho de Almeida, tudo os insectos macularam, roeram, destruíram. Há riquezas incalculáveis alienadas pelo ataque persistente da bicharia. As larvas aninharam-se no interior dos vastos in-folios, dos venerandos manuscritos, e quasi tudo o que existia de valioso na Biblioteca está reduzido a pó: a excremento.

A nossa razoável riqueza bibliográfica assim se esvai, e a perda total está iminente. Acudir-lhe? Mas quem poderá descalçar, do pé pr'a mão, uma bota que o desejo administrativo de tantos anos tornou indescalçável?

Confrange-nos extremamente a triste nova. Mas não podemos deixar de filiar o meio aniquilamento da Biblioteca Nacional na incompetência e no descalabro governativo dos tempos que correm. Os insectos não levaram a cabo, dum momento para o outro, a sua terrível obra de devastação. Pelo contrário, a sua tarefa efectuou-se morosa, continua, sistemática. O alarme dado agora é tardio e é inútil. O alarme deveria ter sido dado quando o aparecimento das primeiras larvas bibliófagas indicasse a destruição, num certo prazo, dos valores que no antigo convento de S. Francisco dormiam. Então caberiam melhor do que hoje, quando já o mal não tem remédio, as acções campanhas da imprensa. Porque a verdade é que ninguém sabia da existência de que corria a terra. Os órgãos vitais da nossa Biblioteca Pública. A denúncia da moléstia, se foi feita, não em relações oficiais que o vulgar desconhece, ou patenteou-se apenas em revistas cultas, que às mãos do grande público não chegam. Dum momento para o outro a notícia surge brusca-

## NOTAS & COMENTÁRIOS

**Imprensa subversiva** Há uns tempos a esta parte tem o jornal *O Seculo* feito umas destas propagandas verdadeiramente dissolventes contra o jogo e contra a Morte. Não vamos aqui dizer, por que não convém isso ao *Seculo* — que nunca o disse — que tal propaganda é movida apenas pelo espírito de vingança, pelo simples facto da tribuna joguista não querer repartir com tal honrada jornal os lucros do joguismo e de outras falcatruas. Diremos antes que *O Seculo* se empenhou, compreendendo a justiça popular ao ponto de ontem, em artigo de fundo, elogiar a república dos sovietes. Também não diremos que o mesmo jornal se prestou a fazer o joguismo, no joguismo, da Companhia dos Eléctricos. Não convém que o público saiba isso. Diremos apenas que *O Seculo* é jornal moderno, avançado, honesto...

**Desportos brutais** O Ruivo, maior o Mario estavam ontem na bela disposição de se esmorrarem o nariz mutuamente. Que o fizemos lá em casa. Agora que o veiam fazer em público, insultando neste instinto de violência, é demasiado. Admiramos e recomendamos a prática dos desportos para desenvolvimento físico, que pode ser feito por meio de exercícios que não metam pancada. Apenas admitiriamos que um indivíduo se treinasse no jogo do sóco para dar dois tabeas naquela criatura que a nós conhecemos muito bem...

**A Biblioteca** Há dias o ministro da instrução, que se disse muito alarmado com o estado lastimável da Biblioteca, propôs à Câmara dos Deputados uma lei que vai onerar com pesado imposto os livros nacionais e estrangeiros, mesmo usados, teatros, concertos, etc., etc. De maneira que para conservar os livros impossibilita-se o povo de ler, aumentando o seu já exagerado preço.

Ora, os 17.000 contos anuais que se gastam com a guarda republicana, não eram melhor aplicados a escolas e bibliotecas?

## Na Escócia

LONDRES, 27. — Os mineiros escoceses resolveram não trabalhar no dia 1 de Maio.

## MUNIÇÕES PARA "A BATALHA"

As perseguições que ultimamente se tem movido contra o porta-voz da organização operária, se bem que o prejudicam imenso economicamente, elas provocam um maior fervor da classe trabalhadora, que não recua ante a necessidade de fazer um maior sacrifício em favor do seu jornal, porque ela tem a consciência que o seu desaparecimento representaria uma vitória para os exploradores do trabalho.

Segue a lista das importâncias recebidas:

Transporte.....	3.271\$24
Eduardo F. Pinto.....	2\$50
José das Neves.....	\$90
Queite na J. S. (Barreiro).....	\$110
Seção Corticeira do Seixal	
5% da cotização mensal	
dos meses de Janeiro e Fevereiro.....	18\$75
Queite da const. civil (Beja).....	\$500
José Caetano.....	\$25
Delim Silva (cota semanal).....	\$40
Ferrovários (Minho e Douro).....	\$420
Adriano A. Oliveira.....	\$90
Escalera.....	\$50
Manuel de Almeida.....	\$20
Az.....	\$50
Manuel Serralheiro.....	\$250
Manuel Virgílio.....	\$250
Domingos Aresta.....	\$250
Francisco Penas.....	\$250
Manuel Coelho.....	\$15
Infância S. Costa.....	\$100
António N. Canha.....	\$100
Norberto T. Carvalho.....	\$100
Queite no Congresso Rural de Évora.....	\$315
Antero Fernandes, cota semanal (5).....	\$50
Guilherme Pedroso.....	\$15
Lhuu, cota semanal (2).....	\$10
João de S. Pinto.....	\$100
Queite em Coimbra.....	\$60
Teófilo da casa Soares da Silva.....	\$90
João F. Saraiwa.....	\$20
José Duarte.....	\$100
Manuel F. Quartel.....	\$50
Francisco Jorge Garcia.....	\$10
José Sanchez.....	\$50
Manuel Tavares, marceneiro (cota mensal).....	\$50
Manuel António Lúcio.....	\$100
Manuel F. Monteiro.....	\$50
Chaufeur sindicado n.º 218.....	\$250
Maximiano Pinheiro.....	\$50
Manuel A. Vieta (Soissons).....	\$218
Calapez.....	\$100
M. F.....	\$10
Leonel, compositor.....	\$200
Coutinho, compositor.....	\$200
Carlos José de Sousa, compositor.....	\$380
João da Paradihu.....	\$80
Antero Fernandes (cota \$10) Tabacaria da rua da Bica do Sapato, 16-A, percentagem cedida.....	\$20
Tamaguetes do Porto.....	\$43
José Moreira.....	\$750
José dos Santos (cota semanal).....	\$42
José das Neves.....	\$70
Um grupo de soldados.....	\$50
João de S. Silva Pinto.....	\$25
Ant. L. Neves Guerreiro.....	\$150
João Henrique.....	\$150
Filipe Nery.....	\$14
Guilherme Pedroso.....	\$10
Espectáculo em Antas (Porto) Federação de Couros e Peles.....	\$1361
Francisco Borges, cota mensal (Janeiro a Junho).....	\$2050
Monhoz.....	\$60
A. P. M.....	\$100
Manuel de Almeida.....	\$50
António Duarte e Jonas M. Reis.....	\$100
A. C. R.....	\$20
Manuel Tavares.....	\$50
Manuel da Silva.....	\$250
José Pedro Fernandes.....	\$30
José dos Santos Giestá.....	\$150
José dos Santos (cota semanal).....	\$140
António Dias (da C. P.).....	\$250
N. L. S.....	\$20
J. S. S. J.....	\$15
A. E. F. J.....	\$20
Alvaro Monteiro (cota mensal).....	\$20
X.....	\$10
Um barbeiro.....	\$50
Ass. dos Fabricantes de Armas, cotização referente a Fevereiro.....	\$2548
Pessoal do Arsenal de Marinha (leitura de A Batalha).....	\$1387
Festa em Olhão.....	\$4382
Augusto Carlos Rodrigues.....	\$1500
Vitor José Maló (Lagôa).....	\$40
Um grupo de operários de Monte-Burgos.....	\$100
Queite entre presos, cabulos n.ºs 2, 3 e 4.....	\$450
José da Silva (Granja).....	\$50
Queite na carpintaria da rua dos Correioiros, 77.....	\$180
Oito tecelões.....	\$830
Alvein.....	\$20
Soma.....	3.536\$36

## Festival pro-"Batalha"

Conforme dissemos, está constituída uma comissão de representantes de vários organismos operários que está trabalhando com o intuito de levar brevemente a efeito, num dos melhores campeonatos de desportos de Lisboa, um grande festival a favor de A Batalha.

Estão iniciados os primeiros trabalhos, devendo reunir hoje, às 21 horas, nas nossas oficinas, os camaradas Alexandre dos Santos, Jorge Campelo, Carlos Freire, Joaquim da Silva, Joaquim Cardoso e Júlio Luis, a fim de se ocuparem do programa, que deve ser sobremaneira atraente.

Comissão Escolar do Sindicato Unico da Construção Civil — Convidam-se todos os delegados a reunir hoje, pelas 20 horas, juntamente com a direcção do Sindicato Unico para se tratar de um assunto urgente.

## O QUE SE VÊ E O QUE SE OUVÊ

## UM INDESEJÁVEL

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

## COMO SE FORMA UM REVOLTADO

Súbitamente uma voz fê-lo estacar. — Acompanhe-me, faça favor, e nada de fútil porque lhe podem sair muito caras.

O interpelado, um rapaz dos seus dezoito anos, olhos de criança e a boca entreaberta num descaído sorriso, voltou-se como que morrido, empalideceu, corou, voltou a mostrar o rosto esmaecido, depois, vindo na sua frente um latagão de capa alentejana, um bengalia suspenso num dos braços e o chapéu grosseiramente descaído para os olhos, balbuciou apenas:

— Mas... Eu?...

O do bengalia levou as mãos aos bolsos, teve um olhar desconfiado e depois retorquiu, escarinhoso:

— Você mesmo... Toca a andar!

O rapaz finiu os pés pregados ao chão.

— Vem ou não vem?...

O rapaz só pôde articular a custo:

— Mas... Eu?...

— Então, pois quem há-de ser?!

Essa agora tem muita graça.

E levou-lhe a mão ao ombro, empurrando-o bruscamente.

Aquele contacto, o rapaz como que despertou, refez-se e, já mais calmo, apesar duma embriagueza indignação, ardo arriçou:

— Mas não está o senhor enganado?

— Faça-se tanso! Não foi você que vinha mesmo agora num eléctrico, a conversar com um velhote de fato castanho, que até tinha no colo um garoto qualquer?

O rapaz fez um sinal afirmativo, ao mesmo tempo que abria muito os olhos.

— Então era, ou não era?...

Nesse caso, pronto, toca a andar e deixemos de conversas. Falar, é lá... Lá é que se canta...

E com um novo empurrão, lá seguiram os dois sob os olhares dos curiosos, que, na maioria, lamentavam muito a sorte do rapazinho.

Naquela febre de liberdade, em que se sentia roubado às ninharias do pensamento da sua acção juvenil, a revolta ia lentamente caldeando-se, revelando o homem a si próprio, impondo-lhe atitudes discretas, responsabilidades táticas, e todo o seu passado de adolescente, que sentia morrer, era agora apreciado por um critério novo: mais revolucionário, mais homem feito.

Recordava-se agora do motivo provável da sua prisão e por pouco, ainda com aquela expansibilidade de criança, uma gargalhada estava prestes a ecoar no escuro.

Distraidamente, num eléctrico acaalorava uma palestra insignificante. Algumas frases dum romantismo revolucionário saíam-lhe do fundo da alma. O velho aplaudia. Vários passageiros, com alguns gestos involuntários, corarão a sua declaração pela justiça, e pela equidade, e farrapos de leituras, que o tinham dias antes inflamado, saíram-lhe de roldão, expressivas e alicia-doras. O carro parou. Parte do auditório desceu, ele apoiou-se também, e foi quando se admirava a beleza do seu casaco, que brutalmente o interpelaram, e esquivadamente o conduziram até aquele asqueroso calabouço.

Após o espanto, acariciou a hipótese de um engano. Sinceramente não se sentia culpado de coisa alguma. A palestra no eléctrico parecia-lhe banal; e foi que ouvia a toda gente. As frases mais eloquentes não lhe pertenciam; eram farrapos de Victor Hugo e de Zola. Não os lera mesmo com preocupações revolucionárias. Supunha-os os seus leitores, pois toda a gente os lia, e até escava. O entusiasmo que manifestara ao declamar-lhes passagens fora mais por excitação de aplauso, e foi por revolucionarismo, que nunca perturbara a sua tranquilidade de descaído moço, de modo que a surpresa, que agora já não perdura, a si mesmo, considerava-a contudo muito lógica, muito compreensível.

Ainda se ao menos ele tivesse lido os outros, aqueles escritores militantes que vagamente ouvia citar em raríssimas ocasiões...

Pois, senhores, aquela prisão levou-o a essas leituras, por uma necessidade de encontrar escrita toda a revolta, que inconscientemente, estupidamente, um agente, um pálio e lentas horas num calabouço, lhe levaram ao espírito — o seu espírito descaído de criança sentimental.

Eduardo FRIAS

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

## O QUE VAI PELA BIBLIOTECA

## A ruína do pão do espírito

Quem possui um certo amor pela Bibliografia, pela Literatura, pelas Ciências e pelas Artes, não pode, sem um certo sentimento de revolta, ouvir dizer que milhares e milhares de documentos que atestam o génio humano através dos tempos estão em risco de se perder.

Portugal é, a despeito do analfabetismo comum em todas as épocas da sua história, um país bibliograficamente rico. Porém, a par de rico é descaído. E da mesma maneira que se tem perdido as colónias, por inação e por desleixo, tem-se perdido a indústria, a marinha mercante, a vergonha e alguns milhares de obras valiosas da nossa Biblioteca.

Entre as obras que estão em risco de ser completamente roídas pelos *plutídeos* e *produrídeos*, há alguns livros importantes, cujo valor atinge, por vezes, apenas numa obra, 20, 40 e 100 contos.

Só de Literatura e Filologia estão atacados pelos terríveis bicharocos, que não tem mais do que alguns milímetros de tamanho, 27-683; volumes de História e Geografia, 37-765; de Ciências e Artes, 21-118; de Religiões, 24-411; Bibliografia, 2-574; Jornais e revistas, 16-758; Manuscritos, 19-000, etc., etc.

A um canto duma das salas da Biblioteca, ora em exposição, encontramos, formando uma montanha, grande número de exemplares de Bíblias em todos os tamanhos e feitios, que atestam a produtividade humana sob a acção Religiosa. Representam essas Bíblias, em muitos dos seus versículos e cantos, verdadeiros monumentos de estupididade humana. Mas a estupididade como o génio do Homem, são igualmente dignos de respeito. Quanta Beleza, quantos pensamentos e máximas tem surgido de alguns versículos tontos.

A Bíblia ainda é hoje uma fonte onde se podem procurar e encontrar ideais em embrião, ideais que hoje, já livres da tutela religiosa, tem crescido vigorosamente, impelindo a Humanidade a conquistar, pelo Sacrifício e pela Dôr, a alegria de viver.

Lá está também em risco de se esboar, de se tornar em pó, uma Bíblia impressa por Gutenberg. Esse génio de onde brotou a imprensa, tam útil, e por vezes, tam pernicioso, quando os despotas e os imbecis abusam desse poder, hoje superior ao das armas.

Um livro manuscrito, bastante curioso, deve o nosso olhar. Encerra as actas do primeiro governo da ilha do Príncipe, datadas de 1822, no tempo em que aquela ilha era a capital da província de S. Tomé e Príncipe. Nem os próprios Lusíadas, cujo original foi salvo da ferocidade do oceano pelo seu autor, conseguiram escapar às arremetidas dos insectos destruidores. A 1.ª edição desse livro admirável principiou também a ser atacada. Belas encadernações de arabescos dourados, dos séculos XVII e XVIII, estão também lamentavelmente ameaçadas.

E neste estado que se encontram numerosas colecções da Biblioteca Nacional. E' assim que se encontra parte da história do pensamento dum povo.

A nossa revolta, porque o caso é revoltante, vai toda, não para os insectos inconscientes, mas para os poderes públicos que tudo deixam ao abandono, não permitindo, muitas vezes com a sua acção de empatia, que particulares se

Há dias sucedeu com um amigo nosso um caso que, a par de encerrar muito de burlesco, mostra



